

**DOSSIÊ:**  
**EDUCAÇÃO, CULTURA E CIDADANIA**  
**NA PEQUENA INFÂNCIA**

## Apresentação

### Educação, cultura e cidadania na pequena infância

Este dossiê reitera as preocupações, desejos e utopias de um grupo de educadores e pesquisadores que têm lutado por um mundo digno de se viver, especialmente um mundo em que as crianças possam fazê-lo de forma plena, compartilhando as diferentes infâncias como seres humanos capazes, competentes e ativos. O esforço por fazer circular as expectativas e as reflexões que os autores buscam expressar com base em sua imersão nas diferentes realidades com as quais se relacionam traz em si a marca dos que se desafiam a ser realizadores de utopia. As idéias que têm norteado o trabalho de professores e pesquisadores que partilham as preocupações supra-citadas consideram como paradigma fundamental a construção social da infância e quando defendem esse paradigma defendem também a idéia de que o espaço social da infância é um espaço social construído, no qual as crianças se assumem e são representadas, conforme afirma Alan Prout (1990), com modos de vida distintos dos dos adultos, constituindo-se como grupo social.

Os textos que compõem o presente dossiê procuram contribuir com o esforço de fazer circular a informação e estimular o debate em torno do tripé criança-educação-cultura.

O texto de **Manuel Jacinto Sarmiento**, por exemplo, nasceu da intenção de constituir a fundamentação de um projeto cujo principal objetivo é ampliar “o conhecimento sobre o que se conhece sobre as crianças”. Partindo da necessidade social de que as crianças constituem, contemporaneamente, não apenas um motivo do cuidado e da preocupação dos adultos, mas muito mais do que isto, Sarmiento busca examinar as importantes transformações que ocorrem no contexto mundial, em especial as questões relacionadas às instituições tradicionalmente associadas aos mundos das crianças: a família e a escola. Produzido nessa motivação de respaldar um projeto, o texto traz, contudo, a expectativa do autor de que o debate suscitado possa ajudar a reconfigurar idéias, representações e evidências sobre as crianças e suas infâncias, tanto em Portugal como no Brasil.

Com o mesmo propósito de compreender as relações entre infância, cultura e sociedade encontramos o texto de **Juliana Pereira da Silva**, **Silvia Neli Falcão Barbosa** e **Sonia Kramer** que busca aprofundar a compreensão teórica para a pesquisa baseada numa perspectiva fundamentada na antropologia e na filosofia, caminhando na trilha iniciada por Walter Benjamin. O artigo inicia por situar o tema no contexto das pesquisas humanas e sociais, aludindo a alguns desafios, ilusões e possibilidades enfrentadas pelos pesquisadores. O foco está colocado aqui na produção brasileira recente que as autoras procuram contextualizar e problematizar. Analisam dois aspectos que, numa interlocução com a antropologia, são fundamentais para a pesquisa de campo: distância e proximidade; familiaridade e estranhamento, apresentando diretrizes metodológicas para a pesquisa com crianças que tomam como base a obra de Bakhtin e de Vygotsky.

Preocupada com a questão de construir uma educação inclusiva para a infância, **Vania Carvalho de Araújo** propõe um texto em que entende como fundamental compreendermos bem de qual infância falamos ou, melhor, de quais infâncias falamos, sob pena de, se assim não for, não conseguirmos romper com uma visão “naturalizada” a respeito da criança e de sua infância. A seqüência do texto procura desenvolver um movimento na direção de reafirmar a necessidade de reconhecer a criança como artífice na construção deste mundo do qual compartilha não apenas como espectadora, mas como autora que contribui com a experiência social que vive e indaga, que reproduz e constrói a partir de um outro olhar que não é meramente uma cópia do adulto. Respeitar essa autoria é, na opinião da professora Vania, romper o princípio da discriminação que têm descredenciado a criança na dimensão pública da vida social. O respeito à agência da criança, no sentido aqui explicitado, é colocado como necessidade imperiosa para defini-la como “sujeito de direitos” do ponto de vista da cidadania. Para a professora Vania, tal compreensão muda o foco de análise para uma educação que se deseja *inclusiva*, porque além de pensarmos que as crianças com necessidades especiais devam ser incluídas fisicamente na escola no sentido de seu acesso e permanência, compreenderemos que a legitimidade desta inclusão se dá, sobretudo, no reconhecimento das crianças como cidadãs e não a partir dos estigmas de suas carências, faltas ou incompletudes.

O artigo de **Rosa Madeira** expressa a intenção de contribuir para a reflexão sobre a experiência e o lugar da infância na vida dos grupos sociais que ocupam posições de subordinação ou exclusão em sociedades cujas transformações econômicas prometeram o bem-estar para todos. A proposta de trabalho de Rosa Madeira apresenta uma interessante perspectiva, uma vez que se propõe a falar da infância abordando a de uma outra perspectiva. A perspectiva de um grupo de mulheres que, em fases diferentes de suas vidas, se debruçam sobre recordações e relatos esparsos de suas infâncias como uma fonte de reconstrução narrativa das histórias de suas vidas. A experiência de infância se constitui aqui como uma fonte de sentido e significado para trajetórias sociais vividas em posição de subordinação e de exclusão, testemunho da desigualdade da estrutura social que é disfarçada pela retórica que naturaliza a universalidade dos direitos humanos e dos direitos das crianças. Iniciada por uma explicação breve do contexto e dos condicionantes sócio-econômicos que envolveram as pessoas, as narrativas das nove mulheres são apresentadas com o intuito de contribuir para uma reflexão crítica a respeito da heterogeneidade das experiências e do contexto de vida das crianças a intermediar o acesso desigual e a diferenciação de oportunidades nas trajetórias de vida de distintos grupos sociais.

No texto que escrevem, **Flávia Brocchetto Ramos** e **Neiva Senaide Petry Panozzo** apresentam uma orientação para iniciar as crianças à apreciação da leitura. Compreendem que as primeiras experiências de natureza lúdica e de descoberta pelas crianças têm a marca essencial das qualidades sensoriais e plásticas. Para elas, as crianças geralmente iniciam o processo de aprendizado da leitura de modo autônomo, a partir do contato com impressos, entre eles, os livros, principalmente os de literatura infantil. Partindo dessa constatação propõem o princípio de começar a ler, vendo. E analisam, no presente artigo, quais as possibilidades de leitura das capas dos livros, que elas consideram como “porta de entrada” dos mesmos: capa e contracapa são os limites materiais da história ou dos poemas contidos no seu interior; ambas desencadeiam informações e fazem emergir hipóteses do que se pode esperar do texto. O efeito dessa apresentação é semelhante ao de uma embalagem que, por suas características, suscita o desejo da posse, guarda um mistério, ativa a curiosidade e, ao mesmo tempo, sinaliza algumas possibilidades à mente de quem se aproxima

desse objeto. Considerando que para ativar esse mecanismo com as crianças, o professor deve apropriar-se do mesmo, as autoras propõem que acompanhem o exercício de leitura realizado em cima de dois textos: *Todo cuidado é pouco!*, de Roger Mello (1999), e *Balaio de gatos*, de Maurício Negro (2000).

Nossa expectativa com a publicação do Dossiê é que todos aqueles que com eles tomarem contato percebam que a construção social da infância não significa apenas adaptação e interiorização, mas também apropriação, reinvenção, inovação e mudança social. Esperamos que sua leitura ajude a compreender melhor o processo de construção social dos indivíduos, o qual nunca é concluído, e que seja possível perceber que nesse processo de interlocução social intervêm um sem-número de fatores contraditórios que compõem os múltiplos “mundos” em que adultos e crianças vivem.

Florianópolis, junho de 2005 .

*João Josué da Silva Filho*